CATARINA DOMINGUES Catarina Domingues
13 de Março de 2018

I.

44% dos europeus defendem que as mulheres devem cuidar da casa e da família. Num terço dos estados-membros da União Europeia, esta percentagem atinge 70%. Estes são os resultados de um relatório publicado pela Comissão Europeia, que vamos dar a conhecer e analisar aqui hoje nesta edição.

Guerra comercial entre Estados Unidos e Europa não dá sinais de abrandar. Bruxelas deixa ameaças. Organização Mundial do Comércio pede serenidade.

E ainda nesta edição: Donald Trump diz que encontro com Coreia do Norte vai ser um tremendo sucesso.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

44 % dos europeus defendem que a mulher deve cuidar da casa e da família. Além disso, a mulher europeia continua a ganhar em média menos 16 % do que o homem. Resultados de um estudo da Comissão Europeia publicado no Dia Internacional da Mulher. Mais conta a jornalista Marta Melo.

"Ainda temos pela frente um longo caminho a percorrer". Palavras da Comissão Europeia após a publicação de um relatório sobre a igualdade entre homens e mulheres.
Documento que revela que as mulheres continuam a enfrentar desafios em vários domínios.
Embora tenham um nível de instrução superior ao dos homens, as mulheres continuam a estar fortemente sub-representadas em cargos de chefia nas empresas e continuam a ganhar, em média, 16 % menos do que os homens em toda a União Europeia, refere o estudo.
Também na política, a presença feminina é ainda muito tímida. Em seis países - Grécia, Croácia, Chipre, Letónia, Hungria e Malta - as mulheres representam menos de 20% dos deputados.
Já sobre o papel que a mulher deve ter na sociedade, 44 % dos europeus defendem que deve cuidar da casa e da família. Num terço dos Estados-Membros da UE, esta percentagem atinge mesmo os 70%.
Dados divulgados no que diz respeito à violência indicam que na Europa, uma em cada três mulheres já foi vítima de violência física ou

sexual após os 15 anos de idade. 55 % das mulheres do bloco comunitário já foram vítimas de assédio sexual.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, o relatório revela que, nalguns domínios, os progressos estagnaram. A violência continua; as mulheres continuam a assumir também a maior parte das responsabilidades familiares. O que é que não está a ser feito?

Para já é uma grande surpresa que os dados mostrem que a desigualdade entre os homens e as mulheres na Europa continue a ser uma questão muito importante e uma questão que não está resolvida. Em 2018 estamos na União Europeia e continua-se a discutir questões como, por exemplo, a disparidade entre os salários dos homens e os salários das mulheres. A verdade é que o relatório mostra que nós ainda temos uma grande luta pela nossa frente no que diz respeito à igualdade de direitos e à paridade entre a situação das mulheres e a situação dos homens mesmo no seio da União Europeia.

O Victor vive em Bruxelas, trabalhou para a NATO em vários lugares neste mundo. Ao longo de todas estas décadas de carreira, essa disparidade entre homens e mulheres nestes domínios era notória?
Nalgumas áreas sim, eu penso que, por exemplo, em várias instituições da Comissão Europeia se nota uma grande diferença hoje em relação há 10 ou 15 anos. A presença de mulheres em lugares de direcção, em lugares de topo é muito mais evidente do que era no passado e a verdade também é que ao nível, por exemplo, dos comissários europeus, nós temos vários comissários que são mulheres com personalidade muito forte e que têm muita influência na vida política europeia, a começar evidentemente por Federica Mogherini. Apesar de tudo, noutras instituições e nomeadamente nas instituições militares e nas instituições de segurança, a presença de mulheres continua a ser bastante reduzida e não só, nalgumas instituições desse tipo, o assédio contra as mulheres continua a ser um dado frequente, eu diria um fenómeno quase quotidiano.

Temos agora inclusivamente a inédita nomeação de uma mulher para liderar a Europol. É a belga Catherine de Bolle. Tem um forte simbolismo esta nomeação?
É muito importante, marca muitos pontos, porque na realidade é no sector da segurança e da defesa que ainda há muito progresso a realizar

e o facto de termos à frente da coordenação das polícias europeias uma mulher, é, de facto, marcante. E eu penso que Catherine de Bolle vai em certa medida revolucionar a maneira como as forças de segurança vão encarar a presença de mulheres no seu seio.

Uma outra área onde as mulheres têm uma presença ainda tímida é em domínios relacionados com as tecnologias. Diz a Comissão Europeia que só 24,9% das mulheres que frequentam o ensino superior têm diploma nesta área. Trata-se de uma questão de interesse ou há mais alguma razão coisa por trás destes números, Victor?

À partida é uma questão cultural. As mulheres, nomeadamente os pais das raparigas sempre pensaram que as raparigas deveriam ir para áreas mais ligadas às letras, às humanidades e não incentivavam as filhas a ir para as áreas das ciências e das tecnologias. A estratégia neste momento da Comissão Europeia é fazer aumentar a participação das mulheres nessas áreas. E também fazer com que as mulheres participem muito mais nos empregos de ponta e nomeadamente nos empregos que têm a ver com a revolução digital.

E para terminar este capítulo, vamos até Portugal. Um estudo da Eurostat revela que a diferença salarial entre homens e mulheres é de 17,5%. Aumentou 4,6 pontos nos últimos cinco anos. Nenhum outro país teve este aumento tão grave? Como é que isto aconteceu?

É uma surpresa. Neste momento não há ainda uma explicação objectiva sobre isso, mas a verdade é que é um facto e que politicamente os dirigentes portugueses têm de ter isso em conta e têm que ver quais são as medidas que são necessárias para evitar que estas disparidades aconteçam, sobretudo tendo em conta que hoje, em Portugal, e no resto da Europa, o nível de educação das mulheres está acima da média da educação dos homens.

III.

E a marcar esta semana ainda: a guerra comercial lançada pelos Estados Unidos. Não há sinais de abrandamento.
Donald Trump já assinou a ordem executiva. O aço estrangeiro vai ser taxado em 25% e o alumínio em 10%
Para o presidente norte-americano é olho por olho, dente por dente.

Donald Trump, presidente EUA
Nós impusemos tarifas e a União Europeia disse que também ia impor tarifas. Mas não podem ser mais altas do que já são e eles têm barreiras comerciais. Nós nem podemos vender os nossos produtos agrícolas lá.

Restringiram-nos totalmente. E depois dizem que querem tirar as tarifas. E eu disse: Tudo bem, retirem as barreiras comerciais e as tarifas e se não o fizerem vamos taxar os Mercedes, os BMW..

A Comissão Europeia ameaçou processar os Estados Unidos junto da Organização Mundial de Comércio. De Genebra chegaram entretanto apelos à serenidade. Dan Pruzin da OMC pede diálogo.

Dan Pruzin, Organização Mundial do Comércio
Ainda há tempo para falarmos disto no âmbito da Organização Mundial do Comércio, no seio das nossas comissões. Só quero destacar que quando se iniciaram as disputas neste caso, o primeiro passo a dar na resolução da disputa é conversar.

Victor, como ler esta postura de Trump, que parece querer acossar a União Europeia?
Eu penso que há aqui uma situação de confrontação e devo dizer que neste momento uma das grandes preocupações da União Europeia é evitar um ciclo de retaliações e, por outro lado, outra grande preocupação da União Europeia é evitar que os Estados Unidos negoceiem com cada um dos Estados-membros da União Europeia e não com o conjunto da União Europeia. E neste momento essa é provavelmente a linha vermelha mais importante.

O que é que a Organização Mundial do Comércio pode fazer?
Há certas regras. São regras que foram estabelecidas no quadro da OMC e evidentemente o que a União Europeia procurará fazer é com que os Estados Unidos sejam obrigados a cumprir essas regras e, por isso, se fala de introduzir uma queixa junto da Organização Mundial do Comércio. Porque na realidade este tipo de medidas tarifárias adoptadas pelo Presidente Donald Trump não são, do ponto de vista comercial, aceitáveis, nem estão de acordo com as regras comerciais internacionais. A única razão que poderia justificar este tipo de medidas seria se a segurança nacional dos Estados Unidos estivesse a ser posta em causa e em principio a Organização Mundial do Comércio irá tentar impor aos EUA que as tarifas agora aprovadas sejam abolidas.

IV.

"Um tremendo sucesso". São estas as expectativas de Donald Trump para um encontro com o presidente norte-coreano, Kim Jong-Un. O líder de Washington afirmou que foi a estratégia de impor sanções duras a Pyongyang que os obrigou a negociar, como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

A acontecer, será o primeiro encontro na história entre líderes dos Estados Unidos e a Coreia do Norte. Donald Trump deixa claro que sem ele nada disto teria acontecido.

Donald Trump, Presidente EUA
Sinceramente, quem mais o conseguiria fazer? Eles dizem que o Obama poderia ter feito isto. Acreditem, não conseguia. Não o teria feito. Nem, aliás, o Bush, nem o Clinton. Tiveram a sua oportunidade e não fizeram nada.

Declarações do presidente norte-americano na sequência de um convite endereçado por Kim Jong-Un para uma reunião entre os dois.
Inicialmente apontou-se Maio como data provável para este encontro num lugar a determinar, mas a Casa Branca já veio dizer que não há um calendário definido.
Donald Trump acredita que foi a imposição de sanções duras a Pyongyang que levou os dois países a negociarem e disse que as conversações com o líder norte-coreano Kim Jong-Un serão "um tremendo sucesso".
Donald Trump deixou elogios à China pelo papel nesta discussão, mas também disse que Pequim poderia fazer mais.

Victor, ainda não há certezas sobre este encontro, mas Donald Trump é neste momento o homem mais falado do mundo.
É certamente e a verdade é que esta decisão de um encontro entre o presidente dos Estados Unidos e o líder da Coreia do Norte Kim Jong-Un apareceu como uma surpresa e é evidente que a comunicação social internacional gosta de surpresas e evidentemente Donald Trump aparece em todos os cabeçalhos em qualquer parte do mundo. Mas, no entanto, há que ter em conta o seguinte: é um encontro extremamente complexo e não pode ter lugar se não for muito bem preparado. E neste momento existem muitas dúvidas quanto à capacidade que nós encontramos na Casa Branca e no Departamento de Estado norte-americano no que diz respeito à preparação de um encontro deste tipo.

Hillary Clinton, inclusive, chamou a atenção para a administração americana, que precisa de diplomatas experientes para o efeito. Que tipo de peritos é que podem ser estes?
São pessoas que conhecem bem os dirigentes norte-coreanos, conhecem bem a maneira como o poder na Coreia do Norte se estabelece e se fortalece e que conhecem bem os dossiers em matéria nuclear. Todo esse tipo de pessoas, que estavam nomeadamente no Departamento de Estado norte-americano, saíram nos últimos meses, ou porque pediram

para sair, ou porque chegaram à idade da reforma e não foram substituídos. A verdade é que o Ministério dos Negócios Estrangeiros norte-americano, o Departamento de Estado, está completamente desprovido desse tipo de peritos.

Que razão poderá ter levado Kim Jong Un a propor um encontro com Donald Trump?

Há sempre várias razões. Certamente as sanções desempenham um papel, o facto da China estar a aplicar de uma maneira muito mais rigorosa do que aplicou no passado o regime de sanções isso também conta, mas na realidade eu penso que o presidente americano foi apanhado numa armadilha. Kim Jong Un conhece bem o tipo de personalidade que está na Casa Branca, acha que esta personalidade – Donald Trump – o que quer acima de tudo é dar nas vistas, e ele aproveitou-se dessa fraqueza do presidente Donald Trump, e na realidade propôs-lhe qualquer coisa que parece dar nas vistas e faz com que Donald Trump apareça como um líder único nos EUA, mas na realidade é apenas fogo-de-vista, é apenas títulos dos jornais e provavelmente não será mais do que isso.

Como olha Bruxelas para esta iniciativa?

Bruxelas ficou bastante surpreendida, na medida em que estas coisas não podem acontecer de um dia para o outro. Estes anúncios normalmente são preparados com muito cuidado e muita antecedência e o facto de o presidente ter aceitado o convite sem consultar os seus principais conselheiros diplomáticos, os seus principais conselheiros de segurança, tudo isso leva a que Bruxelas encare tudo isto como um tiro para o ar. Neste momento Bruxelas diz que sim, acha que bem, a posição de Bruxelas é sempre que o diálogo é mais importante e é mais produtivo do que a confrontação, mas tem muitas dúvidas sobre se isto será sustentável ou não.

Onde é que se poderia realizar este encontro. A Europa seria uma possibilidade?

Poderia ser, aliás fala-se na Suécia, que mantém um determinado tipo de relações diplomáticas com a Coreia do Norte. A verdade também é que também o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Coreia do Norte vai visitar muito brevemente a Suécia. Pode ser uma coincidência, pode não ser. Poderia ser a Suíça, na medida em que o dirigente norte-coreano viveu na Suíça e sente-se relativamente à vontade no ambiente suíço. Mas provavelmente haverá outras hipóteses e nomeadamente na Ásia: poderia ser em Beijing, poderia ser em Macau, por exemplo, tendo em conta que se trata de uma aposta muito do tipo poker. Mas não sei,

neste momento é muito difícil saber exactamente onde poderá ser, é uma questão que vai ser discutida ao milímetro.

E antes de terminarmos, temos a questão do envenenamento do ex-espião russo Sergei Skripal e da filha. O governo britânico já disse que vai retaliar, se se provar que a Rússia teve participação na tentativa de assassinato. Victor, o que motivaria a Rússia a utilizar esta arma química em solo britânico?
Ainda é difícil de dizer. A verdade é que os russos não aceitam aquilo a que eles chamam de traidores e este agente é visto pelo Kremlin como um traidor, e, por outro lado, também se sabe que este agente continuava a trabalhar na sombra e continuava a manter contactos com a Rússia. Não se sabe ainda exactamente que tipo de contactos, qual era a matéria em que ele estava mais ligado, mas a verdade é que ele continuava um determinado tipo de trabalho de inteligência. E provavelmente terá sabido demais e quando se sabe demais neste mundo da inteligência, uma das tradições, nomeadamente dos russos, tem sido de eliminar os indivíduos que eles pensam que já não são leais ao regime.

V.

Foram declarações de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. E hoje na cultura, temos hoje duas sugestões: A vida e a obra do Nobel português da literaturam José Saramago, estão retratadas numa exposição no Farol Santander, em São Paulo, no Brasil.
A exposição revela alguns objectos pessoais do autor com videoinstalações, incluindo depoimentos gravados por Miguel Gonçalves Mendes, realizador de José e Pilar

Miguel Goncalves Mendes, realizador "José e Pilar"
Isto foi um convite do Farol de Santander à Fundação José saramago e também ao curador que é o Marcello Dantas e basicamente a partir daí o Marcelo teve a ideia de me procurar, sobretudo porque ele sabia que havia uma série de material inédito que nunca ninguém tinha visto e que eu tinha filmado ao longo de quatro anos com o José e a Pilar, que foram no fundo os últimos anos de vida do Saramago e portanto decidiu-se, abordando diferentes temas, como decisão de começar a escrever, a sua mudança para Lanzarote, decidiu-se criar uma espécie de um percurso cronológico e biográfico em que através dos vídeos e de uns dispositivos cénicos que eu acho bastante interessante, explicar a vida e a obra de Saramago.

Miguel Gonçalves Mendes em entrevista ao nosso programa.

Propomos ainda esta semana “The Lift, the Slobodan Show”, um musical sobre o ex-líder sérvio Slobodan Milosevic. Escrito por Jelena Bogavac, este espectáculo está mais focado na relação pessoal de Milosevic com a família do que com a política.
O espectáculo estreou na semana passada num teatro em Gracanica, enclave sérvio às portas da Pristina, capital do Kosovo.
Elevado a herói pelos nacionalistas sérvios, Milosevic morreu em 2006, enquanto era julgado pelo tribunal internacional de Haia por crimes de guerra, contra a humanidade e genocídio cometidos na Croácia, na Bósnia e no Kosovo.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +
Estamos no Facebook em Magazine Europa.